

Do *Capoeira* para a *Capoeira*: reflexões etimológicas e existenciais

From Capoeira player to Capoeira fight: etymological and existential reflections

Del Capoeira para la Capoeira: reflexiones etimológicas e existenciales

ANDRÉ LUIS DE OLIVEIRA¹

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, PUC-SP, SÃO PAULO-SP, BRASIL

RESUMO

A prática social capoeira é permeada por diferentes histórias e interpretações de seu surgimento, incluindo a própria etimologia da palavra capoeira, que pode ter sua origem na língua portuguesa, bem como na língua indígena tupi. Outra comum recorrência é da capoeira ser tratada como algo que tem existência em si, separada de seu sujeito, o capoeirista ou o *Capoeira*. Esse ensaio tem como objetivo recuperar na literatura a origem do nome capoeira, possíveis significados e sua relação com o jogador-lutador-dançador do que denominamos jogo-de-luta-dançada, assim destacar o/a praticante, professor/a, mestre/a, ou seja, o *Capoeira*, ser que dá existência a capoeira.

Palavras-chave: Capoeira. Capoeirista. Etimologia.

ABSTRACT

Capoeira social practice is permeated by different histories and interpretations of its emergence, including the etymology of the word capoeira, which can have its origins in the Portuguese language, as well as in the Tupi indigenous language. Another common recurrence is that capoeira is treated as something that has an existence in itself, separate from its subject, the capoeira player or the *Capoeira*. This essay aims to recover in the literature the origin of the name capoeira, possible meanings and its relationship with the player-fighter-dancer of what we call game-of-fight-dance, thus highlighting the practitioner, teacher, master, that is, the *Capoeira*, being that gives existence to capoeira.

Keywords: Capoeira. Capoeira Player. Etymology.

RESUMEN

La práctica social de la capoeira está impregnada de diferentes historias e interpretaciones de su surgimiento, incluida la etimología de la palabra capoeira, que puede tener sus orígenes en la lengua portuguesa, así como en la lengua indígena tupí. Otra recurrencia común es que la capoeira es tratada como algo que tiene una existencia en sí misma, separada de su sujeto, el jugador de capoeira el *Capoeira*. Este ensayo tiene como objetivo recuperar en la literatura el origen del nombre capoeira, los posibles significados y su relación con el jugador-luchador-danzador de lo que llamamos juego-de-lucha-danzada, destacando así al practicante, profesor, maestro, es decir, el *Capoeira*, ser que da existencia a la capoeira.

Palabras clave: Capoeira. Jugador de Capoeira. Etimología.

¹ Professor de Capoeira e Jogos de Lutas. Mestre em Educação (Currículo) pela PUC-SP. E-mail: andrelo@portalcapoeira.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9855-2513>.

INTRODUÇÃO

A prática social capoeira possui seis milhões de praticantes no Brasil (DACOSTA, 2006) e, acerca dela, muito se tem escrito, particularmente sobre sua ocorrência histórica associada a luta pela libertação de africanos e afro-brasileiros escravizados e das contribuições da capoeira para a Educação e para a Educação Física (FALCÃO, 1996; FREITAS, 1997, 2003, 2005, 2007; GONÇALVES JUNIOR, 2009; MENEZES, 2007; OLIVEIRA, 1993; OLIVEIRA; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2018; RADICCHI, 2013; REIS, 2001, 2006; REIS, 2011; RIBEIRO, 1992; SILVA, 1993; SILVA; HEINE, 2008).

Também podemos notar nestes estudos que a prática social capoeira é permeada por diferentes histórias e interpretações de seu surgimento, incluindo a própria etimologia da palavra capoeira, que pode ter sua origem na língua portuguesa, bem como na língua indígena tupi. Outra comum recorrência é da capoeira ser tratada como algo que tem existência em si, separada de seu sujeito, o capoeirista ou o *Capoeira*. Esse ensaio tem como objetivo recuperar na literatura a origem do nome capoeira, possíveis significados e sua relação com o jogador-lutador-dançador do que denominamos jogo-de-luta-dançada, a saber:

Ao insinuar-se como luta, onde o capoeirista ameaça, engana, representa, encena, brinca de lutar, há a caracterização lúdica da capoeira como jogo. Ao unirmos tudo isso ao ritmo, onde o sentimento do capoeirista flui através de gestos e movimentos, temos a capoeira como dança. Assim, a capoeira mostra-se de forma ambígua, encaixando-se perfeitamente no trinômio “jogo-de-luta-dançada” (OLIVEIRA, 1993, p. 83).

No que diz respeito as suas possíveis origens etimológica, vale destacar que o termo “capoeira” foi registrado pela primeira vez no Brasil, entre os anos de 1583 e 1601, pelo padre português Fernão Cardim da Companhia de Jesus. No capítulo *Do Clima e Terra do Brasil*, ao descrever a vegetação *Das árvores que servem para medicinas*, consta:

Embaúba – estas figueiras não são muito grandes, nem se acham nos matos verdadeiros, mas nas *capoeiras*, onde esteve roça; a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquelas raspas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara (CARDIM, 2014, p. 23, grifos nossos).

Com sentido similar, de matas ou roça que não existe mais, encontramos também registro na língua indígena do povo tupi, no qual, capoeira se trata da junção de “*ka'a*”, mata, e “*pûer*”, passado, velho, superado, que já foi. No idioma tupi existe o tempo do substantivo. Assim, capoeira seria lugar que foi mata, mas já não é mais (NAVARRO, s.d.).

Embora tenha sido usada para designar um tipo de vegetação, já no séc. XVI, como vimos em Cardim (2014), a palavra capoeira só aparece referenciada em dicionários a partir de 1875 (ARAÚJO, 2004a). Na atualidade, além do uso corriqueiro e popular, o termo capoeira como mata que deixou de existir ou encontra-se em recuperação também aparece no jargão acadêmico:

Na Área Nuclear encontram-se representantes de mata primária - a Mata Alta, Mata Ciliar e Mata de Sooretama - e de matas secundárias em recuperação - Capoeira de Extração e Capoeira Queimada, resultantes de dois dos tipos de uso mais difundidos no país, extrativismo seletivo, e corte e queima (AJARA, 2001, grifos nossos).

Uma explicação para isso podem ser as influências sofridas pelo uso anterior da área e a ação de efeitos de borda na capoeira, o que contribuiu para a menor estocagem de biomassa e de carbono. As estimativas obtidas para a capoeira podem ser usadas

como subsídios para a elaboração de projetos de florestamento/reflorestamento do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo. (RIBEIRO *et al.*, 2010, grifo nosso).

A espécie *F. grisea* (Boddaert, 1783), popularmente conhecida como papa-formigapardo, possui 12 cm, e no Brasil ocorre desde a Amazônia até o Brasil Oriental em bordas de florestas úmidas e secas, capoeiras, restingas, caatingas e matas secundárias (GUZZI *et al.*, 2015, grifo nosso).

Kindel *et al.* (1999) encontraram resultados semelhantes na Capoeira de Extração (CE) da RFL, verificando-se em relação a MA o mesmo acúmulo de matéria orgânica, proveniente da camada F2. Neste caso, no entanto, houve um aumento da quantidade de C e da fertilidade no horizonte hemiórgânico. Ambas as capoeiras, apesar de passados quase 40 anos da data da intervenção, apresentaram seus perfis húmicos alterados de alguma forma quando comparados aos da MA (KINDEL; GARAY, 2001, grifos nossos).

Além de mata que deixou de existir ou encontra-se em recuperação, o vocábulo capoeira também é usado para designar um tipo de ave, *Odontophorus capueira*, nome científico do uru, também denominado uru-capoeira, capoeira, corcovado, uru-do-nordeste, piruinha ou perdiz-uru, encontrado nas florestas das regiões centro-oeste e sul do Brasil. Segundo Antenor Nascentes, filólogo brasileiro, citado por Campos (1998), a prática da capoeira pode ser relacionada à ave porque o macho da uru-capoeira é muito ciumento e por isso trava tremendas lutas com o rival que ousa entrar em seus domínios. Após análise da obra de Helmut Sick, famoso ornitólogo, Lussac (2013), afirma que é desconhecida qualquer semelhança com o que diz Antenor Nascente sobre o comportamento da ave capoeira. Descreve que o território da ave uru-capoeira é defendido pelo bando e não somente pelo macho, e que este suposto ciúme poderia ser sobre o território somente, pois estas aves são, aparentemente, monogâmicas. Sobre a relação do nome da ave uru-capoeira com o que denominamos jogo-de-luta-dançada capoeira (OLIVEIRA, 1993), Lussac (2013) afirma:

[...] as únicas correspondências seriam o seu nome científico e um dos locais de ocorrência da ave “capoeiras sombrias”, em vários estados brasileiros, que provavelmente teria batizado a ave “Uru” e ou “capoeira” com o nome científico *Odontophorus capueira*. Apesar de não parecer uma ave com hábitos, postura e comportamento violento, como as utilizadas em rinhas de galo, outra atividade comumente associada à origem da Capoeira, a ave Uru desperta, até hoje, certa curiosidade por parte dos capoeiristas (p. 66, grifos do autor).

Também em Portugal a palavra capoeira foi registrada em meados do século XVI (CARDOSO, 1562) e significava espécie de cesto de varas, emborcado, usado para guardar capões e outras aves contidas num desses cestos. Se apropriando deste sentido, Adolfo Morales de Los Rios Filho (citado por SOARES, 1999, p. 22) escreveu: “Com efeito, os grandes cestos carregados pelos escravos no período colonial para desembarcar e carregar mercadorias eram chamados ‘Capú’”.

A palavra capoeira para designar uma pessoa em situação de luta com outra aparece somente em 1789:

O mulato Adão, escravo de Manoel Cardoso Fontes, comprado ainda moleque, tornou-se um tipo robusto, trabalhador e muito obediente ao seu senhor, servindo-lhe nas tarefas da casa. Manoel resolveu explorá-lo alugando-o a terceiros como servente de obras, carregador ou outro qualquer serviço braçal. Tornou-se Adão deste modo uma boa fonte de renda para seu senhor. Com o passar do tempo, o tímido escravo, que antes vivera sempre caseiro, tornou-se mais desenvolvido, independente e começou a chegar tarde em casa, muito tempo depois do término do serviço. Manoel questionava-o: o que levava à mudança de conduta? As desculpas

eram as mais inconsistentes para o senhor. Até ocorrer o que já o preocupava: Adão não mais voltou para casa. Certamente fugira para algum quilombo do subúrbio da cidade. Para sua surpresa, Manoel foi encontrar Adão por trás das grades da cadeia da Relação. Havia sido preso junto a outros desordeiros que praticavam a capoeira. Naquele dia ocorrera uma briga entre capoeiras e um deles fora morto. Crimes gravíssimos para as leis do reino: a prática da capoeiragem, ainda resultando em morte. No decorrer do processo constatou-se que Adão era inocente quanto ao assassinato, mas foi confirmada sua condição de capoeira, sendo, por isso, condenado a levar 500 “açóites” e a trabalhar “dois anos nas obras públicas”. Seu senhor, após Adão cumprir alguns meses de trabalho e ter sido castigado no pelourinho, solicitou ao rei, em nome da Paixão de Cristo, perdão do resto da pena argumentando ser um homem pobre e, portanto, muito dependente da renda que seu escravo lhe dava. Comprometeu-se a cuidar para que Adão não mais voltasse a conviver com os capoeiras, tornando-se um deles. Teve o pedido homologado pelo Tribunal em 25.04.1789 (CAVALCANTI, 2004, p. 201).

Esta citação, assim como outros registros históricos escritos, informa que a capoeira:

- É antes associada à luta, constando, inclusive, em boletins de ocorrência, que fazem referência à luta de escravizados contra polícia, ou de escravizados contra outros escravizados em situações de conflitos e não a uma prática lúdica entre escravizados;

- Tem sua referência escrita mais antiga associada a cidade do Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, e não de Salvador, capital do estado da Bahia, embora a tradição de capoeira que se espalhou pelo Brasil e, mesmo pelo mundo, faça alusão a de Salvador (ANDRADE, 2021);

- Aparece em meio urbano ao final do século XVIII (1789), não em fazendas, senzalas ou quilombos. Para Reis (1997) e Soares (2004), como não existem pesquisas históricas a respeito da capoeira entre os séculos XVI e XVII não é possível afirmar, documentalmente, que ela surgiu nos primeiros séculos da colonização do Brasil, ou mesmo reconstruirmos o processo que levou ao seu deslocamento do campo à cidade, se isto ocorreu.

O que nos é mais fundamental, neste ensaio, é a associação da prática ao praticante. Para Araújo (2004b), ao rever as razões pelas quais as pessoas eram presas por capoeiragem, descreve cinco situações diferentes quando o significado (etimologia) do termo capoeira é associado a atitudes e ações dos indivíduos pertencentes a grupos marginalizados, ou quando o termo capoeira é associado a manifestações caracterizadas por exercícios de agilidade e destreza corporal:

- a) Muitos dos indivíduos considerados capoeiras eram tratados como malfeitores;
- b) Alguns dos indivíduos considerados capoeiras eram apenas fugitivos;
- c) Alguns dos indivíduos considerados capoeiras, logo malfeitores, eram praticantes da capoeiragem;
- d) Alguns dos indivíduos considerados capoeiras, logo fugitivos, eram praticantes da capoeiragem;
- e) Alguns dos indivíduos praticantes da capoeiragem, e considerados capoeiras, não eram malfeitores nem fugitivos (ARAÚJO, 2004b, p. 49, grifos nossos).

A esses últimos praticantes de capoeira podemos afirmar que realizavam o jogo-de-luta-dança na forma de treino ou de prática lúdica.

A partir da análise semântica e histórica, Araújo (2004b) considera que:

Muitas das expressões (capoeira) que atentavam contra a ordem pública nem sempre foram realizadas por aqueles que praticavam e exerciam a luta/jogo de agilidade e destreza, e que a atribuição de culpa a eles era por demais

perniciosa tanto para a manifestação referida como para os seus executores (ARAÚJO, 2004b, p. 50).

Soares (1999) corrobora com essa associação de *sujeito e prática* ao falar de outro personagem: o “Capoeiro”, a saber, escravizado carregador dos grandes cestos (capoeira), assim como açougueiro, leiteiro e aguadeiro formariam os ofícios da escravaria urbana. Para Rios Filho (citado por SOARES, 1999), capoeira luta teria nascido das disputas da estiva destes “Capoeiros”, nas horas de lazer, nos “simulacros de combate”, que pouco a pouco se tornaram hierarquias de habilidades, onde se duelava pela primazia no grupo. Dessas disputas de perna teria nascido o “jogo da capoeira” ou dança do escravizado carregador da capoeira. Ou seja, nem todo *Capoeira* era jogador de capoeira.

Vê-se assim que associar capoeira (jogo-de-luta-dançada) ao *Capoeira* (termo comumente usado para designar um contraventor em registros policiais) foi uma constante, mesmo quando descabida. Em outras palavras o jogo-de-luta-dançada foi persistentemente marginalizado e associado à contravenção, ainda que seu praticante não o fosse.

Por exemplo, o decreto nº 847 do Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgado em 11 de outubro de 1890, pelo Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, dedicou o capítulo XIII, aos “Vadios e Capoeiras” (BRASIL, 1890), não fazendo nenhuma distinção entre “exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem” (Art. 402) de malfeitor, contraventor, homicida, assassino, fugitivo, ladrão. Todos eram *capoeiras* e considerados praticantes da *capoeiragem* e, conseqüentemente, punidos no rigor do citado código penal da época.

Araújo (2004b) destaca que:

Acreditando que as autoridades judiciais, ao identificarem uma prática corporal de caráter lúdico ou mesmo de luta e desconhecendo sua origem e denominação, por certo, vincularam-na diretamente aos indivíduos dos grupos marginais (capoeiras) que as realizavam, depreendendo-se daquela manifestação de agilidade e destreza corporal que se lhes apresentava como sendo uma luta/jogo de capoeiras, evidenciando-se preponderantemente, neste caso, o vocábulo designativo de tais personagens como determinante para a qualificação nominal da coisa (ARAÚJO, 2004b, p. 59).

No que diz respeito as ocupações (ofícios ou trabalhos especializados) e as profissões (ocupações que tenham na sua base o conhecimento científico, embasando a sua prática e o controle de seus serviços ou do próprio trabalho), Drigo *et al.* (2011) afirma que, corriqueiramente, estas são associadas a determinados/as trabalhadores/as ou profissionais. Assim temos:

- Advogado, aquele que advoga, defende (alguém ou alguma causa) em juízo ou fora dele;
- Artesão, aquele que faz arte e técnica do trabalho manual não industrializado, artesanato,
- Estivador, trabalhador portuário que, recebendo a carga de um navio, a arruma devidamente no porão ou num compartimento, ou a descarrega de bordo, estiva;
- Jogador, aquele que tem por ocupação jogar ou aquele que joga;
- Marceneiro, aquele que trabalha com marcenaria, artesão ou operário industrial que trabalha com madeira em tábua;
- Mecânico, aquele que monta, conserva e conserta máquinas e motores;
- Professor, aquele que professa uma crença, uma religião ou aquele que ensina, ministra aulas;

- Torneiro: aquele que trabalha com o torno.

No entanto, no caso do jogo-de-luta-dançada capoeira não é o que ocorre. O personagem histórico, o *Capoeira*, vai nomear sua prática, a capoeira, e não o contrário. Ou seja, a manifestação capoeira foi assim denominada decorrente de indivíduos que antes receberam essa denominação.

Os capoeiras, como os praticantes desta arte eram chamados, estavam espalhados através da cidade e desenvolviam seu próprio e muito particular meio de vida, com sua própria linguagem, roupas e símbolos, além do uso obrigatório de facas e lâminas contra seus inimigos (SOARES, citado por SOARES, 2004, p. 63-64).

Prossegue Soares (2004), que o personagem histórico, o *Capoeira*, surge antes da capoeira luta.

Holloway (1997) destaca que:

No século XIX o termo (capoeira) se aplicava a várias atividades exercidas sobretudo por escravos, as quais, no decorrer do século, passaram a envolver um número cada vez maior de pessoas livres. Não raro os infratores eram presos individualmente, mas a capoeira geralmente era uma atividade grupal. Grupos organizados (“maltas” ou “badernas” na linguagem da época) com líderes designados, hierarquia interna, “territórios” demarcados, competiam entre si, travando batalhas pela posse destes territórios e cometendo atos de violência (mas raramente roubo). Eram flagelo da Polícia e o terror das classes brancas superiores: desde a criação da intendência em 1808 até a década de 1890, boa parte da força policial destinou-se a reprimir a capoeira. A maioria dos capoeiras portava navalhas, porretes ou facas no ato da prisão, e muitos dos detidos por “desordens em grupos” e também por porte de arma e arremesso de pedras provavelmente eram enquadrados na atividade genericamente denominada capoeira. Alguns eram presos até mesmo por “assoviar como capoeira” – emitindo o som por meio do qual os membros das maltas se comunicavam quando fora das vistas uns dos outros (p. 52-53, grifos do autor).

Já o “dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil” (IPHAN, 2007) afirma que:

[...] os capoeiras eram trabalhadores de rua, viviam de ocupações esporádicas e intermitentes. Ou seja, tinham um ritmo de trabalho bastante irregular, o que lhes proporcionava períodos de ociosidade, entremeados por momentos de diversão. Mesmo sendo trabalhadores, os capoeiras também podiam ser desordeiros, uma vez que muitos deles simplesmente viviam no mundo das ruas, batiam tambor, jogavam capoeira e algumas vezes até matavam. Em síntese, transgrediam os padrões e as regras da ordem pública. e seu modo de vida que não tinham um meio de subsistência e domicílio certo (p. 24).

Afirma Araújo (2004b) que o *Capoeira* vivia em mocambos nas matas (capoeiras) próximas às vilas e cidades, logo a luta capoeira popularizou-se e afirmou-se também sendo o nome da prática do indivíduo, e ainda devemos considerar que tal prática ocorria em espaços (mato ou roça que havia deixado de existir ou se encontrava em recuperação) denominados com a mesma palavra: capoeira.

CONSIDERAÇÕES

A capoeira jogo-de-luta-dançada é uma prática social afro-brasileira associada a um personagem histórico, o *Capoeira*, historicamente perseguido como contraventor, embora nem sempre o fosse.

Consideramos, pela literatura e documentação apresentada, que o praticante dá nome à prática e não o contrário: o modo de vida do *capoeira* é capoeiragem; o jogo-de-luta-dançada criada pelo *Capoeira* é a capoeira.

Procuramos, neste ensaio, destacar o/a praticante, professor/a, mestre/a, ou seja, o *Capoeira*, ser que dá existência ao jogo-de-luta-dançada capoeira, recuperando a importância que professores/as e mestres/as são para seus/uas alunos/as no ensino desta prática, a contribuição dos/as antigos/as Mestre nas:

[...] formas tradicionais de transmissão dos saberes pertinentes a grupos sociais geralmente excluídos, considerados atrasados e rudimentares, assim como é vista a maior parte das manifestações tradicionais populares por certos setores da intelectualidade acadêmica. Nossa percepção é outra. Pela beleza em que se constroem as relações de pertencimento, o sentido de identidade, o respeito pela tradição e pelos antepassados, e pela simplicidade e alegria com que se celebra a vida (ABIB, 2006, p. 96-97).

Os *Capoeiras* com sua luta pela liberdade, por justiça social, contra a discriminação racial, pelo conhecimento e reconhecimento de sua prática e de si próprios que nomearam o jogo-de-luta-dançada capoeira, perseguidos no passado hoje se fazem presentes em escolas, academias, clubes, organizações não governamentais e universidades, mas é certo que muito ainda há de se fazer.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 86-98, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/g3BxxnrhvHNtHZfcdzRqZc/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

ANDRADE, J. C. B. “**Por cima do mar, eu vim; por cima do mar, eu vou voltar**”: cenas transnacionais da capoeira baiana. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/33552/1/Jo%20c3%a3o%20Caetano%20Brandao%20Andrade%20Dissert%20a%20c3%a7%20Vers%20a3o%20FINAL.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

AJARA, C. **Brasil**: espaços incluídos e espaços excluídos na dinâmica da geração de riqueza. 2001. 476 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ARAÚJO, P. C. **Capoeira**: novos estudos, abordagens sócio-antropológicas. Juiz de Fora: Irmãos Justiniano, 2004a.

ARAÚJO, P. C. **Capoeira**: um nome, uma origem. Juiz de Fora: Irmãos Justiniano, 2004b.

BRASIL. Governo Provisório. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Rio de Janeiro, Ministério dos Negócios da Justiça, 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: EdUFBA, 1998.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Brasília: EdUnB, 2014.

CARDOSO, J. **Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem**. Bilíngue. 1562. Disponível em: <http://purl.pt/15192/1/index.html#/62/html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CAVALCANTI, N. O. **Crônicas históricas do Rio colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2004.

DACOSTA, L. P. (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DRIGO, A. J.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; TOJAL, J. B. A. G. Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, v. 7, n. 4, p. 49-62, 2011. Disponível em: https://www.revistamotricidade.com/arquivo/2011_vol7_n4/v7n4a06.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

FALCÃO, J. L.C. **A escolarização da capoeira**. Brasília: Royal Court, 1996.

FREITAS, J. L. **Capoeira na educação física: como ensinar?** Curitiba: Progressiva, 2007.

FREITAS, J. L. **Capoeira pedagógica**. Curitiba: O autor, 2005.

FREITAS, J. L. **Capoeira infantil: jogos e brincadeiras**. Curitiba: Torre de Papel, 2003.

FREITAS, J. L. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Gráfica Expoente, 1997.

GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 700-707, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2875/2539>. Acesso em 15 set. 2021.

GUZZI, A.; GOMES, D. N.; TAVARES, A. A.; CARDOSO, C. O.; BRANCO, M. S. D.; SANTOS, A. G. S. Ocorrência documentada de formicivora grisea (Boddaert, 1783) (Aves: Thamnophilidae) na área de proteção ambiental Delta do Parnaíba. **Comunicata Scientiae**. v. 6, n. 4, p. 501-504, 2015. Disponível em: <https://www.comunicatascientiae.com.br/comunicata/article/view/976/371>. Acesso em: 22 jan. 2021.

HOLLOWAY, T. **Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.

KINDEL, A.; GARAY, I. Caracterização de ecossistemas da mata atlântica de tabuleiros por meio das formas de húmus. **Revista Brasileira Ciência do Solo**, Viçosa, v. 25, n. 3, p. 551-563, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcs/a/NbHQgWzVrtKgZ999GCnjWHC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LUSSAC, R. M. P. Análise das hipóteses sobre a origem da capoeira por meio da etimologia ou de especulações sobre o vocábulo capoeira. **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 63-89, 2013. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e07_a21.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

MENEZES, L. B. **Capoeira: benefícios psicofisiológicos**. Niterói: La Salle, 2007.

NAVARRO, E. **Cursos de tupi antigo e língua geral (nheengatu)**. s.d. Disponível em: <https://tupi.fflch.usp.br/aulas-line>. Acesso em: 20 jan. 2021.

OLIVEIRA, A. L. **Os significados dos gestos no jogo da capoeira**. 1993, 98f. Dissertação (Mestrado em Educação: Supervisão e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, G. A.; GONÇALVES JUNIOR, L.; LEMOS, F. R. M. Processos educativos desvelados na roda de capoeira da Associação Pena de Ouro. **Motricidades: Revista da SPQMH**, v. 2, n. 3, p. 177-189, 2018.

Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2018.v2.n3.p177-189/pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

RADICCHI, M. R. **Capoeira e escola**: significados da participação. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

REIS, A. L. T. **Capoeira**: saúde e bem estar social. Brasília: Thesaurus, 2006.

REIS, A. L. T. **Educação física & capoeira**: saúde e qualidade de vida. Brasília: Thesaurus, 2001.

REIS, L. V. S. **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher, 1997.

REIS, R. **Capoeira, educação e educação física**: inter-relações e práticas pedagógicas. São Paulo: Livro Pronto, 2011.

RIBEIRO, A. L. **Capoeira**: terapia. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1992.

RIBEIRO, S. C.; JACOVINE, L. A. G.; SOARES, C. P.; MARTINS, S. V.; NARDELLI, A. M. B. SOUZA, A. L. Quantificação de biomassa e estimativa de estoque de carbono em uma capoeira da Zona da Mata Mineira. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 34, n. 3, p. 495-504, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rarv/a/S5PW8GqdJ5R5QQ4rhGQsXCx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SILVA, G. O. **Capoeira**: do engenho à universidade. São Paulo: CEPEUSP, 1993.

SILVA, G. O.; HEINE, V. **Capoeira**: um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava**: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850). Campinas: EdUnicamp, 2004.

SOARES, C. E. L. **A negregada instituição**: os capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890. Rio de Janeiro: Access, 1999.

Recebido em: 30 set. 2021.

Aprovado em: 24 nov. 2021.